

“Tempo, Saber e Sociedade: nas redes contemporâneas do Tao da física”

Larissa Fernandes de Oliveira *

Em agradecimento à Platão, Marx, Rousseau, Lucy, Dante, John Locke, Maquiavel, Lovelock, Einstein, Capra, Rosa, Serres, Lao Tse, Ramatis, Darwin, Lavosier, Heráclito, Trigueirinho, Kardec, Sócrates, Loureiro, Tomas Jefferson, Jesus, Lutero, Margarida, Buda, Asthar...e a todos aqueles que atiram a primeira pedra.

Caminhando à beira-mar, o movimento das ondas umedece os pés e as areias que escorrem entre os dedos, a brisa beija a face fresca pelas águas salinas que envolvem o andarilho em brumas...perdido, o olhar vagueia na amplitude do horizonte...

Em que qual data estamos???

Ontem, hoje ou amanhã???

Este homem é sapiens???

Índio, negro ou branco???

O mar é do sul ou do norte?

Por quê viajam estas águas???

De onde vêm, para onde vão???

A resposta nos escapa aos sentidos...sentimos mas não explicamos...pensamos mas não compreendemos...agimos mas nos enganamos...o Universo se expande a medida que o percebemos!!!

Neste mesmo instante, o rio corre para o mar, a gaivota pesca, o peixe mergulha mais fundo e captura uma alga, o guruça morre de medo e se esconde sob um castelo de areia, o camaleão enlaça o inseto zunidor e, parece dizer: silêncio!

O surfista despenca de uma onda, o motor da traineira toca para o mergulhador, o vendedor de picolé atrai olhares infantis, o ciclista quase atropela a vovozinha, o carro sai roncando, o ônibus não pára, o motorista e o trocador passeiam, a moto voa....crianças tristes equilibram a sobrevivência em sinais de trânsito, a fila no hospital tarda e multiplica-se como pombos urbanos, prisões têm leis próprias, presidentes viajam muito, escolas não tem carteiras, médicos não tem coração, políticos desconhecem a pólis, juízes desajuizados alimentam ratos, tartarugas e tubarões...o dia na cidade é fugaz e escuro, a noite brilha no campo e festeja no céu entre estrelas, a lua boêmia se embriaga com o sol...que dia do mês é hoje? Apenas um algarismo arábico!

* Turismóloga, Especialista em Planejamento Ambiental, Pesquisadora e Mestranda do Programa EICOS/IP/UFRJ, Universalista.

A Terra bóia suspensa na galáxia, o chão vira teto, o teto, chão vira...gira, gira, gira...dias se fazem noites, noites se fazem dias...o ciclo anda em espiral...o sol pega fogo...o morro explode...enquanto a mulher fecunda a vida, da semente, brota a planta, que o muitosanto faz o milagre da esterilidade...a terra silenciosamente esfarela em pó, a água flui cantando, de líquidos somos, em sólidos nos dissolvemos...dispersos andamos descalços, com cimento nos agrupamos...no ar, na terra, no mar...o homem transita a ferro e fogo...o deslocamento afronta o tempo, as horas se perdem na rigidez do relógio, a medida perpassa o microscópio, átomos gravitam em dialética mutante, configuram-se, reconfiguram-se, o planeta azul tomba mas não derrama,
Dinâmica em equilíbrio!

Como, onde, até quando?

O que ele vê no horizonte? Ainda caminha perdido em brumas quando, Senhor de Si mesmo, aprendeu a dissipá-las...

Nas asas de Hermes voa o Saber, enquanto isso a Ciência perde a corrida, feito lebre, a tartaruga do oriente chega primeiro no futuro, sem nem sair do passado...
Porque o presente ainda não é, será!

O passado aflora hoje no recém-nascido, que acumula em suas entranhas alguns milhares de anos, viverá como lobo ou como gente? A universidade preenche a fôrma, mas quem (in)forma é o Universo, transbordante de Vida, onde tudo se transforma...humanos, não humanos, a matéria é a mesma, a disciplina é que muda...poeira cósmica inebria os sentidos, entorpece a visão...Big-bang?

Não, a bomba atômica!!!

Um tiro!

Não, uma amendoeira despeja sua semente na careca do carro!!!

Se Eu penso e existo, o Senhor não manda em Mim!!!

Eu Sou...mas eu também não sou...Sou o Tudo e sou o nada!!!

Ganho o mundo a partir de um tabuleiro de xadrez para virar enciclopédia...que revolução é esta? Se não é nobreza, nem clero, nem burguesia, nem plebe? É pecado Capital!!! Liberdade, igualdade e fraternidade...quem quiser que me compre...quiser não! Puder, claro! A miséria, a cobiça e a devassidão são ração de dragão. O gigante morde a bola e acaba com a pelada...assim perde-se a graça, se insustenta vira desgraça....sem futebol não se vive...chama o clube para jogar em Roma, limita os oito grandes com Alice no mundo das maravilhas, pois como João vai plantar seu pé de feijão???

O Todo na Grande Narrativa

No horizonte o sol descansa, dorme e acorda enquanto a Terra dá cambalhotas, todo o cosmo se agita, daqui as estrelas só sabem sorrir...enquanto os peixes morrem pela boca...mas no morro, é só alegria!!! O samba vibra no coração da mulata, pandeiros e cuícas pulsam em cadência ritmada...aquelas montanhas já assistiram o retorno dos guerreiros que trazem vitórias ou derrotas em suas faces, o índio dançou na fogueira, aquele rio foi banhado por lágrimas quilombolas em fuga, e batucou com o clamor do berimbau...na tv o homem pisa na lua, na caverna ele liga a fogueira e morre sentado na cadeira...com a boca cheia de dentes, espera a morte chegar.

Navios se perdem em abismos náufragos, tesouros enclausuram bússolas, papéis valem mais do que moedas de ouro...mulheres sofrem o que não pariram...mães são mortas por suas crias...navegam porque é preciso...para onde??? Para desamar, diz o lobo mau escondido sob alvo linho branco...à deriva, o delinquentezinho se deita na catedral para sentir frio...e morre...apesar de ter vivido-sobre a fome, a sede, a doença, a falta, a ausência, a carência...morreu menor porque não teve chance de crescer...árvores amazônicas têm a mesma sorte, acabam na vala...e, mesmo assim, ainda se transformam...

Onde estás Tu que é o Rei?

Eu estou em Ti, e Tu estás em Mim.

Rei não somos, somos reino!

Vibramos a mesma melodia, átomos juntos ou separados, construimos o possível previsível e disformamos o impossível manifesto...à luz jorra-se vida, a morte dá início...o caos é sistemático e metódico! Mas não tem regras...tem liberdade!!!

Em sete milhões de anos civilizações ainda debutam na existência, mas desde quando a ciência se cria? O tao do Homem de Nazaré só fez milagre porque há dois mil anos ninguém já estudava física quântica...epa, havia alquimia! Quantos anos temos nós, átomos que teclam esta máquina pensante, que escreve em consórcio com mecanismos cerebrais que pensam, sentem, criam e manipulam tanto as formas, quanto os conteúdos...sobretudo redes...de dimensões sutis, fluídicas, à dureza da matéria.

Múltiplas dimensões energéticas se desdobram sobre campos astrais onde sólidos e líquidos se misturam, formam formas, derramam conteúdos, parecem pensamentos da (falta de) razão humana, que solidificam sentimentos capturados em

palavras...expressas por um conjunto de letrinhas, formam culturas...e disformam cérebros, estômagos e membros, que não enxergam um analfabeto, mas que carregam nos dedos traços particulares e, no sangue, hereditárias esperanças...o chafariz da vida espirra partículas no meio da praça e, com um tubo de ensaio, o planeta brinda com o Todo Universal o prazer de Ser Eterno, a co-ligação da Grande Narrativa!

O sujeito não é, ele está.

Estar sujeito às intempéries naturais à queda das bolsas de valores, ao alimento envenenado, ao ar poluído...todos estamos, todos somos...a vida corre o mesmo risco...forças físicas aglutinadoras que desaglutinam agem da ordem ao caos, não deste jeito, propriamente, mas sim de maneira indivizível, ininterrupta, dinâmica, simultânea, intrínseca...uma gota d'água se isola por uma fração de segundos, em instante se religa, se funde, se vai ou se volta...de onde ela vem, para onde vai, quem ou o quê? “Ah, é H com mais 2 Os”, diria a Dra. O pajé diz: “é uma lágrima de Tupã que chora o massacre do nosso povo”. O burrocrata: “maldita gota, manchou o meu terno”. Um japonês enxerga uma jóia rara esculpida em diamante...e diz: “isto não é a água, mas a vibração da música de Beethovem”.

Reduzir a gota d'água ao campo da natureza ou da cultura limita a compreensão do seu lugar no mundo da complexidade, a relação dialética das coisas entre si dá vida à própria coisa, que é, e que não é, ao mesmo tempo, agora, afogado em formas híbridas e fetiches alucinógenos acabam sendo o que turva a realidade.

Identidade e pertencimento se fundem quando vislumbra-se o Homem Natural? O que é a política sem ciência, se não há (cons)ciência sem ação política?

O fato de viver no presente não supera limitações passadas, nem angústias futuras...a razão submetida ao tempo se vê ingênua quando lembra que situava a Terra no próprio umbigo como fato incontestado.

A literatura transporta saberes genuínos da humanidade, é companheira de cantigas, ritos, usos e costumes...separar o humano do natural é sub-estimar a ciência enquanto produto possível das humanidades que se deram entre períodos mensuráveis, a pluri-inter-disciplinaridade cola o ser com o saber...ou é o contrário?

O tempo linear disposto em um novelo de lã é tecido por mãos habilidosas na arte de criar e pregar peças....a história factual é multi-temporal, quando mencionada, chega no presente, trazendo bases passadas que projetam futuros, o tempo não se vai, porque sempre volta, ainda que por via da memória, ele escorre como a gota d'água porque filtra e é filtrado...o tempo percola o ontem, o hoje e o amanhã...

Qualquer semelhança entre o padeiro misturando a massa, uma mosca voando e Michel Serres assobiando e subindo a montanha, não é uma mera coincidência...a costura pachwork da história não linear monta mosaicos que só enxergam aqueles que têm olhos para ver e ouvidos para ouvir...para tanto é preciso olhar além do horizonte, onde o imutável não existe!

O vôo reto se dá em curvas, ao aparentar desconexão se ligam em redes, velozes, efêmeras e estranhas...com elegância a rapidez passa a rasteira e faz bip-bip para a tolice pós-moderna...que, embriagada e lenta, caminha cambaleante, de volta para onde veio...para Serres onde a matemática não chega, vai a filosofia, e antes desta alcançar o início do fim, começa a poesia...o verbo, o substrato, a alegoria...as redes se (re)fazem, no campo, a cada olhar.

O social é individualmente cada um, para ser coletivo...apropria o que consegue, descarta o que lhe foge ao alcance, é o próprio paradoxo da rede, constrói valores irreais, se assusta com o comum e ri do coletivo...acaba mesmo é transformado em pó...para poder recomeçar!

A informação traduzida supera a si mesma em objetivos e métodos, mas desperdiçar tempo delimitando espaços que não existem nos faz perder a hora do jantar em família que não se usa mais...liga-se a TV para abrir o apetite...o silêncio em meio às tormentas exteriores é quebrado por internas inquietações...iiihhh, não saía na chuva para não derreter, a água lava a poeira das suas errâncias...ou melhor, reentrâncias!

Cada ator é uma peça em si, encena seu papel em escolhidas curvas, obedecer é mole, duro é refazer-se, desgasta, desperdiça, perde para adquirir, mudar o olhar é recriar, fazer diferente, re-inventar...é re-ligar no singular, demandas em plural...quase como uma uva, de cacho em cacho temos a parreira...e o vinho, com(o) tempo, muda, apesar de ser o mesmo!!!

Psiiiiuiuuu!!! Silêncio! O camaleão só quer saber de pegar sol...Te enlaça e te mata com um beijo de língua. “Ei, olha, pra frente, pra não pisar no bicho...E encosta aí, porque tem gente querendo passar...”, disse ela para o filho pequeno. E foi embora para casa fazer almoço e preparar a semana que tem início no resto de domingo, sobre aquela dúvida do seu horizonte...as ondas, os ventos e as areias a carregaram para outro tempo e espaço.